

NHÁ-CHICA: RELIGIOSIDADE E DEVOÇÃO POPULAR

Sueli Maria Ramos da Silva¹

RESUMO: O estudo que procuramos empreender faz parte do projeto de pesquisa vinculado ao CNPq, Logos, Estudos de Língua, Cultura e Discurso, que tem por temática realizar o estudo de práticas discursivas mineiras. Estabelecemos como recorte a análise da Novena à imaculada Conceição, composta por Nhá-Chica. Demos destaque às práticas devocionais referentes à beata Nhá-Chica, por ocasião da realização da cerimônia de Beatificação da Bem-Aventurada Francisca de Paula de Jesus, Nhá-Chica, aos quatro de maio de dois mil e treze, na cidade mineira de Baependi, evento de importância impar aos estudos que tem por interesse estudar e compreender práticas linguísticas e discursivas com destaque ao âmbito religioso da/na região sul de Minas Gerais, promovendo a interação acadêmica e científica entre elas.

PALAVRAS-CHAVE: Nhá-Chica; Minas Gerais; práticas devocionais.

ABSTRACT: The study aims to undertake a part of the research project linked to CNPq, Logos, Language Studies, Culture and Discourse, whose theme undertake the study of discursive practices mining. Established as clipping the analysis of Novena to the Immaculate Conception, composed of Nha-Chica. Gave prominence to the devotional practices relating to Nha Chica, on the occasion of the beatification ceremony of Blessed Frances de Paula de Jesus-Nha Chica, on 4 May, two thousand and thirteen in the mining town of Baependi odd event importance to studies whose interest in studying and understanding linguistic and discursive practices highlighting the scope of religious / in southern Minas Gerais, promoting academic and scientific interaction between them.

KEYWORDS: Nha-Chica; Minas Gerais; devotional practices.

Introdução

Temos por objetivo examinar os mecanismos de produção do efeito de sentido afetivo ou passional depreensíveis da prática ritualística devocional, associados ao exercício privado dos atos de piedade, presentes no período colonial. Estabelecemos como recorte a análise da Novena à Imaculada Conceição composta pela Bem-Aventurada Francisca de Paula de Jesus, Nhá-Chica.

Para a análise da oração, enquanto enunciado de fidelização religiosa, teremos como base os preceitos da semiótica greimasiana tomada, sobretudo, no que diz respeito ao exame da dimensão passional do discurso, seus recentes desenvolvimentos tensivos e a noção de “práticas semióticas”.

¹ Possui doutorado em Letras – Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo – USP. Professora doutora do programa de mestrado em Letras - Linguagem, Cultura e Discurso - pela Universidade Vale do Rio Verde – UninCor. E-mail: prof.sueli.silva@unincor.edu.br

A escolha dessa temática para composição do volume proposto à Revista Recorte, referente às “Coisas de Minas”, insere-se justamente pela importância das análises referentes às práticas devocionais daquela que é considerada a primeira beata de Minas Gerais, o estado mais católico do Brasil, notadamente no que concerne ao seu patrimônio histórico e religioso. Este estudo insere-se dentro do projeto de pesquisa, vinculado ao CNPq - *Logos: Estudos de Língua, Cultura e Discurso* - que reúne pesquisadores e estudantes da Universidade do Vale do Rio Verde (UninCor) e de outras instituições da região e do país com interesse em estudar e compreender práticas linguísticas e discursivas da/na região sul de Minas Gerais, promovendo a interação acadêmica e científica entre elas. Propomos-nos a instigar as pesquisas referentes à produção e circulação de conhecimento sobre a linguagem e suas especificidades no espaço sul mineiro.

1. Práticas devocionais públicas e privadas

A religiosidade no Brasil colonial, tal como destaca Mott (1997, p. 175) sempre esteve associada à composição entre os diferentes povos e culturas que passaram a coabitar nesse território, principalmente a partir do século XVI. Do convívio entre a elite portuguesa, os colonos, o gentio nativo e o negro escravizado decorreram práticas religiosas sincréticas, de tal maneira que, em conformidade com o panorama religioso traçado até então, seria possível agrupar, segundo o autor, os colonos em um gradiente que iria dos mais autênticos e fervorosos cristãos até os indiferentes e hostis a fé cristã.

Nesse ambiente, dois são os caminhos propostos pelo cristianismo para a perfeição e salvação do homem: a) o exercício privado dos atos de piedade; b) prática pública e comunitária dos sacramentos e cerimônias sacras. (Cf. MOTT, 1997, p. 156).

Observamos, dessa maneira, a organização sintagmática, aspectual e rítmica da sequência dos enunciados das práticas de fidelização religiosas, tendo como elemento primordial a fé e os simulacros passionais projetados pelo sujeito (actante coletivo) enquanto percepção de mundo. Lembramos ainda que o “ritual supõe um crer específico (todas as práticas têm uma base fiduciária geral), partilhado por todos os participantes, e necessário ao êxito da ação” (FONTANILLE, 2008, p. 50).

O ritual supõe um “exemplo canônico de eficiência sintagmática. Essa ‘eficiência está ligada essencialmente à organização sintagmática, aspectual e rítmica da sequência práxica”

(FONTANILLE, 2008, p. 50). Mais precisamente, podemos dizer que a prática ritual se assemelha a uma forma de manipulação persuasiva, segundo a qual o enunciatário, além de ser capaz de distinguir o procedimento de que faz parte, também deve estar persuadido a estar comprometido com uma prática específica, circunscritiva, característica de uma determinada comunidade de fé. O próprio caráter “fechado”, “concentrado”, “circunscritivo” e “recorrente” de uma determinada sequência ritual constitui uma modalização do ato de enunciação, uma figura que tem por objetivo manifestar figurativamente e de uma maneira sensível (perceptível) o seu caráter distintivo (FONTANILLE, 2008, p. 48-49).

Tendo por base essa função retensiva e circunscritiva, da ordem da triagem e pertencente ao âmbito contratual da fé, estabelecemos uma tipologia que tem por princípio a instituição de três níveis de práticas religiosas. Firmamos, como ponto de partida, o enunciatário, considerado sob a acepção de actante coletivo.

Definimos uma gradação da atitude participativa dos fiéis no enunciado das práticas, do mais individual, ao mais coletivo. Delimitamos, assim, três níveis de práticas de fidelização oracionais. Nessa gradação, a eucaristia constitui o ápice da participação em comunidade; a oração comunitária o nível intermediário e a oração individual, privada, o seu contraponto mais tônico [+ individual]. Vejamos:

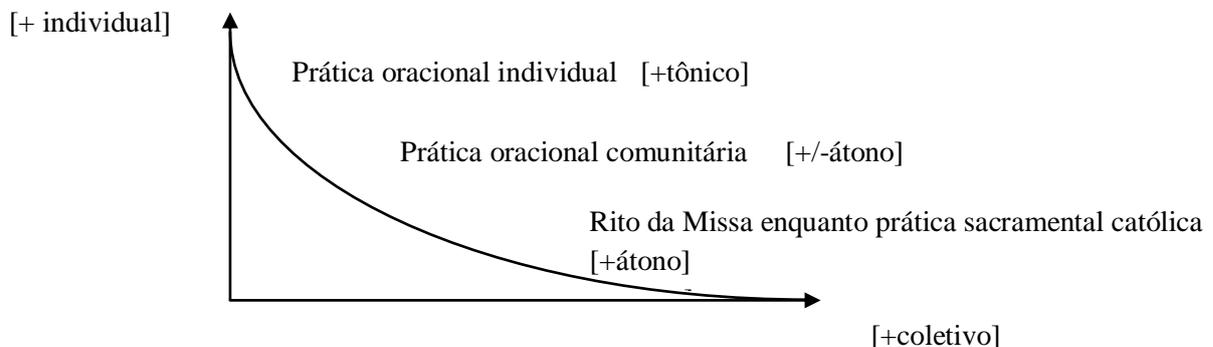


Figura 1. Gradação da atitude participativa dos fiéis.

A prática individual da fé, de âmbito oracional, apresenta-se na formação discursiva católica como oriunda do próprio Cristo.

Já nos Atos dos Apóstolos, considerado o livro de referência da primeira Igreja cristã, há a presença de duas posturas na prática religiosa: a) *contemplatio*: oração pessoal, privada; b) liturgia: culto público instituído por uma Igreja.

A oração comunitária, litúrgica, é considerada como uma das principais funções da Igreja, presente na primitiva comunidade cristã relatada nos Atos dos Apóstolos: “Eles eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações” (At 2, 42, BÍBLIA SAGRADA, CNBB, 2007).

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 413), a respeito do fundamento pelo caso particular, ressaltam a argumentação pelo exemplo como estratégia argumentativa. Na narrativa de Atos dos Apóstolos (At, 1-3), a vida da primeira comunidade de fé, um caso particular, é estabelecida como um exemplo, um modelo de conduta a ser imitada (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 414). Notamos o quanto o comportamento dos membros da comunidade era exemplar por constituir um simulacro intersubjetivo da perseverança no cumprimento de desígnios divinos.

Assim, também na narrativa de Atos, temos exemplos da prática oracional, privada, individual:

- (1) “Pedro mandou todo mundo sair. Em seguida, pôs-se de joelhos a orar. Depois, voltou-se para a morta e disse: Tabita, levanta-te!” Ela abriu os olhos, viu Pedro e sentou-se” (At, 9, 40, BÍBLIA SAGRADA, CNBB, 2007).
- (2) “No dia seguinte, enquanto os homens estavam a caminho e se aproximavam da cidade, ao meio-dia, Pedro subiu ao terraço para orar” (At 19, 9, BÍBLIA SAGRADA, CNBB, 2007).

Por oração, entende-se, portanto, dentro dessa formação discursiva, a experiência de comunicação com Deus. O catolicismo dividia-se, portanto, entre a vida espiritual primária e a comunitária. Para Durkheim (2003) as cerimônias e rituais públicos tinham uma função catalisadora do *éthos* comunitário:

As crenças propriamente religiosas são sempre comuns a uma coletividade determinada, que declara aderir a elas e praticar os ritos que lhe são solidários. Tais crenças não são apenas admitidas, a título individual, por todos os membros dessa coletividade, mas são próprias do grupo e fazem sua unidade. Os indivíduos que compõem essa coletividade sentem-se ligados uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé comum. Uma sociedade cujos membros estão unidos por se representarem da mesma maneira o mundo sagrado e por traduzirem essa representação comum em práticas idênticas, é isso a que chamamos igreja. (DURKHEIM, 2003, p. 28).

Mott (1997, p. 160) destaca que, durante o período colonial, as práticas devocionais dividiam-se entre os exercícios de devoção individual e a participação em devoções públicas, de caráter interno e externo. As cerimônias e rituais públicos, sempre constituíram parte

integrante da cultura religiosa de Portugal. Entretanto, a vida religiosa na colônia desenvolveu um incremento da vida religiosa privada, devido à carência estrutural em relação ao número de Igrejas e Párcos do Brasil colônia, associada com uma espécie de *apartheid* religioso. Esses fatores somados levaram ao incremento da vida religiosa privada e à apatia e indiferença em relação às práticas comunitárias.

Mesmo distantes das igrejas, os católicos mais devotos desenvolveram com mais entusiasmo práticas oracionais individuais. Assim, a casa e a moradia desenvolveram-se como o *locus* para o exercício da religiosidade privada. E assim se procedeu com relação ao recolhimento às práticas devocionais individuais que caracterizaram o exercício da fé de Francisca de Paula de Jesus na Vila de Santa Maria de Baependi, sul de Minas Gerais. O culto à Virgem da Conceição caracterizava-se pela doutrina constituída no culto privado e na prática diária da oração.

Tal como destacou Azevedo (s.d), Nhá-Chica, de formação religiosa oriunda de sua mãe, muito se utilizou do aprendizado das orações cotidianas e da devoção a Nossa Senhora da Conceição.

A devoção a Nossa Senhora da Conceição remonta à religiosidade europeia medieval. Foi proclamada protetora do Brasil, no período colonial, e permaneceu no posto de rainha e padroeira, com o título de Nossa Senhora da Conceição Aparecida (AZEVEDO, s.d, p. 7-8).

O dogma da Imaculada Conceição foi promulgado pelo Papa Pio IX em oito de dezembro de 1854, por meio da bula papal *Inefabilis*. A afetividade religiosa popular é uma premissa importante, ao caracterizar a relação de intimidade entre a devota e a Santa, a qual ela chamava carinhosamente por “Minha Sinhá”.

Francisca, diante do “direito” de decidir seu destino, determinou seu desejo de tornar a Mãe de Jesus como sua “Senhora”, sua “Rainha”, sua “Protetora”. Um desejo que ardia em seu coração, uma chama de amor à Imaculada Conceição, que sanava todas as suas dores que lhe foram impostas ao observar os que viviam na escravidão. Ser serva de tão nobre Senhora foi uma alegria para Francisca de Paula de Jesus. (SEDA, 2013, p.80)

2. Prática ritualística católica da oração

Dentro da perspectiva de exame dos enunciados pertencentes à fidelização religiosa, propomos, neste trabalho, examinar os mecanismos de produção do efeito de sentido afetivo ou passional, depreensíveis da prática religiosa católica. Procuramos definir o campo da

prática religiosa no que se refere aos símbolos da tradição e aos ritos praticados por uma instituição determinada, no caso, a Igreja Católica.

Propomos, mediante a análise do discurso oracional, definir algumas considerações a respeito da estrutura aspectual e, por conseguinte, passional do crer, levando em conta o aspecto fiduciário envolvido nessa prática católica.

Tomamos a oração enquanto um ato de linguagem, uma práxis cognitiva, pragmática e ritual. A Igreja Católica, embora considere serem todos os momentos indicados para oração, propõe aos fiéis tempos destinados a cadenciar e alimentar a oração contínua: oração da manhã e da tarde, antes e depois das refeições; liturgia das Horas; Eucaristia Dominical; Santo Rosário, Festas do Ano Litúrgico (BENTO XVI, 2005, p.163).

O ‘tempo sagrado’, que se expressa no calendário de festas e celebrações, ao contrário do tempo profano, recorre constantemente e suas sequências repetem, sempre de novo, a evocação de uma determinada série de acontecimentos destacados (REHFELD, 1988, p. 55).

Retomamos a noção de ritmo na perspectiva de uma semiótica tensiva, como uma lei de sucessão percebida. “A relação entre o tempo, a duração e o ritmo é tributária da relação *exclusiva* ou *participativa*, que liga o simultâneo ao sucessivo” (ZILBERBERG, 1990, p. 39).

O ritmo das festas litúrgicas e da prática oracional, através de tempos, repetições e intervalos sucessivos, liga o indivíduo ao grupo, confirmando uma atitude participativa dos fiéis tributários às práticas da mesma fé católica.

3. Novena à Imaculada Conceição: análise semiótica

Reproduzimos, abaixo, o texto da Novena à Imaculada Conceição, composta por Nhá-Chica, presente em Seda (2013, p. 289).

Novena à Imaculada Conceição

(Composta por Nhá-Chica)

Virgem da Conceição, Vós fostes aquela Senhora que entrastes no céu vestida de Sol, calçada de lua, coroadada de estrelas e cercada de anjos...

Vós prometestes ao Anjo Gabriel que havíeis de socorrer todo aquele que invocasse Vosso Santo

Nome.

Agora é a ocasião.

Valei-me, Senhora da Conceição!

(Faz-se o pedido)

REZA-SE 1 SALVE-RAINHA

Dentro da prática ritualística católica, a novena consiste em uma “série de orações e práticas litúrgicas realizadas durante um período de nove dias para obtenção de alguma graça” (HOUAISS, 2009, p. 1365). As práticas oracionais que a compõem tem por temática o agradecimento ou a súplica dirigida a Deus, a um santo, ou a uma divindade. Ela apresenta, portanto, assuntos os mais variados possíveis, incluindo pedidos de restituição da saúde, obtenção de graças e agradecimentos (COSTA, 2008, p. 145).

Gêneros discursivos são práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas, “formas de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos” (MARCUSCHI, 2003, p. 25). Concebemos a *novena*, nesse sentido, como um gênero, uma organização relativamente estável, uma ação prática ritual do domínio religioso católico, caracterizada por um conteúdo temático, estilo e composicionalidade.

A fim de examinar a natureza do material vocabular da *oração*, faz-se necessário analisar a composição da estrutura do enunciado, sua forma composicional, portanto.

No que diz respeito à estrutura composicional, ela se constitui como um gênero oracional, caracterizada como oração de intercessão. “No tempo da Igreja, a intercessão Cristã participa da de Cristo, e é expressão da comunhão dos santos. Na intercessão, aquele que ora não procura seus próprios interesses, mas pensa sobretudo nos dos outros” (FL 2,4) e reza mesmo por aqueles que lhe fazem mal” (JOÃO PAULO II, 2000, p. 677).

A sequência oracional invocativa reflete a atitude contemplativa do sujeito diante de Nossa Senhora da Conceição, identificando-se com o objeto de sua fé, discursivizado na oração. O fiel, disjuncto, dirige seu olhar para o alto, para a verticalidade, a fim de que a Virgem da Conceição interceda por ele.

Percebemos no enunciado da *oração* um contrato fiduciário estabelecido pelos actantes destinador e destinatário (S1 e S2). A crença é uma sobremodalização, o que confirma a intercessão de Nossa Senhora da Conceição e a consequente restituição do fluxo fórico. Configura-se a expectativa fiduciária segundo a qual o actante-sujeito julga haver um destinador transcendente, dotado das modalidades do poder/dever atender a súplica realizada: Nossa Senhora da Conceição, mistura-se ao próprio Deus.

Ressaltamos, ainda, a crença dos fiéis na proteção e intercessão de Nossa senhora da Conceição, tendo Nhá-Chica contribuído para essa difusão por meio da exploração da

religiosidade popular e de todos os Santos junto de Deus. Os Santos são, portanto, modelos de conduta a serem seguidos. Nossa Senhora da Conceição como intercessora e mediadora entre homens e Deus é de importância salutar para a Igreja.

O enunciado da novena se configura pela presença de uma estratégia de manipulação, com a qual o destinador busca instaurar um querer-fazer no destinatário (fiel), para que este entre também em conjunção com a fé do culto à Maria. Fica implicado um actante, destinador transcendente, Deus, que, por intermédio de Maria, acolhe o fiel, como aquele que tudo pode e sabe.

Temos, portanto, mediante essa prática oracional, a relação entre o sujeito (actante coletivo), a fé (crença), a súplica, a remissão dos pecados e o dogma.

Denominamos o sujeito inserido no domínio discursivo da prática oracional um actante coletivo, pois este não privilegia a fronteira da comunidade com o exterior, mas sim a fusão interna entre os membros do grupo. Caracteriza-se, desse modo, a participação individual, nessa prática da oração. Ressaltamos o caráter de sistema de participação da oração, cujo domínio consolida a comunidade pertencente a um mesmo *tesauro*. Por domínio, integramos a memória discursiva² (conhecimento das orações) e a competência comunicativa (saber que orações dizer e diante de qual situação) do sujeito (MAINGUENEAU, 2008, p. 106).

Em se tratando de discurso e lugares sociais, verificamos, no enunciado da *novena*, o predomínio da espacialização dada no eixo da verticalidade. O olhar da verticalidade constrói o plano espiritual a partir do ponto de vista eufórico, estabelecendo o “alto” como categoria eufórica. Seu olhar constrói-se por meio do “baixo” (disfórico) para o “alto” (eufórico). Delineia-se, assim, a organização da sequência narrativa: eu (actante coletivo) em direção a Cristo nosso Senhor por intermédio de Maria.

O programa de oração, para o qual nos remetemos à eficácia da palavra empregada pela *novena* (FONTANILLE, 2008), é pautado pelo uso de formulações imperativas que determinam a realização de uma determinada “conduta” ritual por parte do sujeito (interlocutor divino – Virgem da Conceição – figura da intercessora).

² “Uma formação discursiva é tomada em uma *dupla memória* [...]. Ela constrói para si uma *memória externa* colocando-se na filiação das formações discursivas anteriores. Ao longo do tempo ela cria também uma *memória interna* (com os enunciados produzidos antes, no interior da mesma formação discursiva). O discurso se apóia, então, em uma Tradição, mas cria pouco a pouco a sua própria Tradição. Aqui a *memória* não é psicológica, ela mantém-se em unidade com o modo de existência de uma formação discursiva: cada uma tem uma maneira própria de administrar essa memória” (MAINGUENEAU, 1998, p. 96-97).

Acaba por caracterizar-se a manipulação de um destinador, o enunciador, o interlocutor, aquele que diz “eu”, ao interlocutário, o “tu”, a Virgem da Conceição. Temos aí uma tensão para a conjunção (BLANCO, 2008, p. 57). Inicialmente, o sujeito patêmico (pecador, instaurado no enunciado) configura uma espécie de “ressentir” “do estado limite e espera do retorno da fusão”. Essa espera repousa sobre a fidúcia. Observamos a dimensão passional do sujeito pautada pela expectativa de retorno aos valores com os quais este se teria desvinculado, expectativa esta que designamos, em semiótica, como protensividade fórica (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 30). Caso o destinatário (Virgem da Conceição) faça o que pedimos, concretizar-se-á a expectativa fiduciária do sujeito e a tensão será atenuada. Se o simulacro aspectualiza o sujeito, confirmando nele um modo de ser no mundo, sobremodalizando a sua competência modal, fazendo-o querer ser de certo modo, no caso, conjunto aos valores católicos, a construção desse sujeito em sua proprioceptividade³ confirma o imaginário modal do sujeito e, por conseguinte, uma motivação orientada para uma imagem-fim (reintegração) projetando sua configuração passional (GREIMAS; COURTÉS, 1993). Assinalamos, assim, a figura de um sujeito divino (Deus, Espírito Santo) atingível apenas mediante a figura de Nossa Senhora da Conceição, tida enquanto mediadora (intercessora) capaz de restabelecer o fluxo fórico do fiel-enunciador, reintegrando-o a tais valores: “*Vós prometestes ao Anjo Gabriel que havieis de socorrer a todo aquele que invocasse Vosso Santo Nome*”.

Remetamos aos efeitos de passionalização. Segundo a direcionalidade tensiva orientada para a concentração espacial e aceleração do andamento, o que pode ser verificado no enunciado por meio da justaposição da série de sequências figurativas e súplicas em estilo invocatório a partir de uma percepção ascendente em tonicidade. Podemos delinear o estilo do enunciado da experiência da palavra (prática católica da oração) por intermédio de uma direção ascendente.

Associamos a percepção que o fiel tem do mundo a uma atitude contemplativa do sujeito diante da Virgem e só dela, o que poderia gerar uma espécie de catarse. Para que possamos entender mais claramente como se configura o processo catártico, referimo-nos à identificação do sujeito com o objeto de sua fé, a Virgem, discursivizada na *novena*.

³ Entendemos por proprioceptividade o termo complexo da categoria *exteroceptividade/interoceptividade*. Esse termo tem por objetivo “classificar o conjunto das categorias sêmicas que denota o semantismo resultante da percepção que o homem possui de seu próprio corpo” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 393).

O sujeito permanece no plano da enunciação enunciada. Temos, assim, a atitude contemplativa que se desdobra na voz presentificada (eu-tu). O sujeito é conduzido por meio de sequências invocativas e expressões injuntivas que giram em torno do mesmo tema (evocação à intermediação de Nossa Senhora da Conceição).

Essa intermediação encontra-se presente por meio do sintagma cristalizado “Valei-me Senhora da Conceição”, conclamando a interlocutora divinizada à ação, suplicando que ela interceda por ele, fiel, enunciador. No que tange aos mecanismos de temporalização presentes no enunciado, estando construído dentro do sistema enunciativo, o enunciado da novena pauta-se em relação ao “agora”, em concomitância ao marco referencial presente. Relaciona-se, portanto, a um momento de referência presente, idêntico ao momento da enunciação. O tempo verbal característico desse discurso é o presente omnitemporal ou gnômico, fato que o constitui como um enunciado válido para qualquer lugar ou época histórica e o caracteriza como um enunciado próprio da esfera de circulação do domínio religioso, utilizado para a enunciação de verdades eternas, expresso pelo seguinte sintagma: “Agora é a ocasião”.

O enunciado recebe um revestimento figurativo condizente com o sistema de restrições católicas, por meio de elementos sensoriais próprios ao discurso religioso, e com seu encadeamento figurativo ao longo do texto de tal forma a representar a concretização de temas. As figuras sensoriais que acompanham a novena implicam em uma remissão direta ao ícone de Nossa Senhora da Conceição. As figuras “Virgem”, “Conceição”, “Senhora” e “Anjo Gabriel” remetem ao tema católico da Anunciação de Maria. O olhar da verticalidade que remete ao tema da salvação divina é figurativizado por “céu”, “sol”, “sol”, “lua”, “estrelas”, “anjos”.

A fidelização religiosa dada por meio da novena como rito é ação programada, da ordem da extensidade e pertence ao eixo do exercício.

Considerações finais

Nosso trabalho se propôs a contribuir para o exame dos textos depreensíveis da prática ritualística devocional, associados ao exercício privado dos atos de piedade, presentes no período colonial. Reiteramos a escolha pautada pela importância das análises referentes às práticas devocionais daquela que é considerada a primeira beata de Minas Gerais. Esperamos, portanto, dentro das análises referentes ao nosso projeto de pesquisa, vinculado ao CNPq -

Logos: Estudos de Língua, Cultura e Discurso estudar e compreender de forma mais intensa as práticas linguísticas e discursivas de âmbito devocional da/na região sul de Minas Gerais, promovendo a interação acadêmica e científica entre elas. Justifica-se, assim, a importância da análise da novena composta por aquela que é a primeira beata de Minas Gerais.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Maria Cristina Neves de. Religiosidade Colonial e devoção popular: Nhá Chica de Baependi. In: *Anais do XV Encontro regional da Anpuh*, Rio de Janeiro, s.d
- ATOS DOS APÓSTOLOS. Português. In: *Bíblia Sagrada*: Tradução da CNBB. 6ª. ed. Trad. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Edições CNBB, 2007.
- BENTO XVI. *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2005.
- BLANCO, Desiderio. El rito de la Misa como práctica signifiicante. *Temas del Seminario*, n. 20, Puebla/ México: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, pp. 43-70, 2008.
- COSTA, Sergio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. São Paulo: Autêntica, 2008.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FONTANILLE, Jacques. Práticas Semióticas: Imanência e pertinência, eficiência e otimização. In: Diniz, Maria Lúcia Visotto Paiva; Portella, Jean Cristtus (orgs). *Semiótica e Mídia: textos, práticas e estratégias*. Bauru: UNESP/FAAC, 2008.
- GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das Paixões*. São Paulo: Ática, 1993.
- HOUAISS. *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2009.
- JOÃO PAULO II, Papa. *Catecismo da Igreja Católica*: edição típica vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da Enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros Textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 19-36.
- MOTT, Luiz. Cotidiano e Vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: MELLO E SOUZA (org). *História da Vida privada no Brasil I*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de argumentação: A nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- REHFELD, Walter I. *Tempo e religião*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- SEDA, Rita Elisa. *Nhá Chica: mãe dos pobres*. São José dos Campos – SP: Comdeus, 2013.
- ZILBERBERG, Claude. Relativité du rythme. Théories e pratiques sémiotiques. *Proteé*. Vol. 18, n.1., 1990.
- ZILBERBERG, Claude. Présence de Wölfflin. *Nouveaux Actes Sémiotiques* 23-24. Pulim, Université.